

O MOVIMENTO DIALÉTICO DO CONCEITO EM HEGEL: UMA REFLEXÃO SOBRE A CIÊNCIA DA LÓGICA

Sofia Inês Alborno Stein

Universidade Federal de Goiás
siastein@fchf.ufg.br

RESUMO: Este trabalho visa analisar criticamente as posições epistemológicas hegelianas apresentadas no seu livro *Ciência da Lógica*, posições essas que dependem primordialmente da aceitação da validade do método dialético.

Palavras-chave: Hegel, idealismo alemão, lógica, dialética, teoria do conhecimento.

A pretensão deste trabalho é estabelecer, de forma crítica, uma visão geral do significado do que é apresentado na *Ciência da Lógica* (1812-1816) para a epistemologia hegeliana, enfatizando o papel do método dialético para a solução dos problemas filosóficos abordados por Hegel. Para tanto, de início, serão analisados alguns aspectos, que foram criticados por Hegel, das teorias do conhecimento de Kant, Fichte e Schelling, principais representantes do idealismo alemão anteriores a Hegel. Além disso, em um segundo momento, serão comparados os enfoques dados por Hegel à análise do conhecimento na *Fenomenologia do Espírito* (1807) e na *Ciência da Lógica*. Num terceiro momento, será mostrado como Hegel, utilizando-se do método dialético, apresenta a estrutura lógica do pensamento e do mundo. E, por último, será questionada a validade do método hegeliano para tal análise.

I

Hegel está inserido no século XIX como um continuador e o último grande filósofo do idealismo alemão. Entretanto, não bastaria tentar definir o que deve ser entendido por idealismo para alcançar

a perspectiva filosófica hegeliana. As suas divergências em relação a Kant, Fichte e Schelling não são apenas quanto a detalhes: a visão global de cada filósofo com referência ao mundo e ao fundamento do conhecimento desse mundo é essencialmente individual e diferenciada.

Em relação a Kant, Hegel fala por vezes com grande admiração e respeito e por vezes como se aquele fosse seu maior opositor. Hegel considera o sistema kantiano como um grande marco na história da filosofia, tendo, porém, falhas graves, como a consolidação do dualismo sujeito-objeto. A crítica de Hegel a Kant se concentra principalmente na questão da existência ou não de um mundo exterior independente do sujeito e, sobretudo, não acessível ao saber humano, ou seja, da coisa-em-si como Kant a descreve. É, portanto, de suma importância, para Hegel, a superação da kantismo, enquanto este pode ser entendido como se contivesse um dualismo não resolvido.

E é nesse debate com Kant que Hegel se aproxima de Fichte e Schelling. Em Fichte, Hegel encontra a crítica ao dualismo kantiano e a tentativa de superação deste através da análise do problema do fundamento e da unidade necessária ao conhecimento. Fichte se utiliza do método circular para comprovar a veracidade do sistema. Deve haver um fundamento primeiro que possa ser provado verdadeiro por ser também aquele ao qual todas as afirmações científicas retornam e o qual determina, por isso, a unidade de um sistema. Desse fundamento deve ser possível derivar todas afirmações científicas consideradas verdadeiras e que, por sua vez, fundam as diversas ciências. A questão mais difícil e conturbada que Fichte deve solucionar é a referente ao mundo exterior. Se o eu é o fundamento e nada pode ser exterior a ele, como se explica a diferença interna ao eu, isto é, a superação da unidade originária e a formação da diferença? Essa será também uma questão fundamental para Hegel: a maneira como a diferença se insere na unidade.

Tanto em Fichte como em Schelling a unidade fundamental, ou o absoluto, podem ser atingidos através da intuição intelectual, uma espécie de visão imediata do absoluto. Em Fichte, entretanto,

temos a reflexão sobre essa unidade através da autoconsciência, enquanto em Schelling o absoluto é a negação da reflexão, a pura intuição. Hegel se aproxima nesse aspecto de Fichte, pois, no sistema hegeliano, a reflexão é a ponte para o saber absoluto ou para a idéia absoluta.

Em oposição tanto ao pretenso dualismo de Kant como aos idealismos subjetivos de Fichte e Schelling, Hegel desenvolve o que ele chama de idealismo objetivo. O absoluto não é um alvo exterior ao conhecimento, não é um imediato só acessível mediante a intuição; o absoluto é movimento, vida, desenvolvimento e contradição. É por esse motivo que o método em Hegel se torna tão essencial: o desenvolvimento do sistema é o próprio fim dele.

Para compreender o que Hegel quer dizer com “idealismo objetivo” é necessário ter em mente a totalidade da obra hegeliana, ou, pelo menos, das obras que descrevem o seu sistema filosófico como um todo. A tentativa de definir essa expressão pode trazer algum proveito, porém nunca o esclarecimento e a compreensão que ela merece. De maneira simplificada, poder-se-ia dizer que é o fim do dualismo, o fim de um mundo exterior desconhecido ao sujeito, porém nunca o fim do mundo enquanto história e desenvolvimento. A história e as ações humanas em geral fazem parte do absoluto hegeliano, e não como subordinados ao sujeito, como uma parte inerte ao lado do sujeito pensante ou interna a ele, e sim como momentos necessários do absoluto, como a exteriorização necessária do sujeito, como a objetivação do absoluto, ou como o próprio absoluto.

É o método dialético que possibilita a Hegel pensar sujeito e objeto unidos, preservando a diferença essencial entre os dois. Assim como a certeza sensível observa no mundo a convivência entre opostos: saúde-doença, tristeza-alegria,..., assim também é pela relação entre contrários que se desenvolve em Hegel o absoluto. A contradição interna ao sistema absoluto significa a própria sobrevivência dele e mesmo a sua existência. É pela contradição que o pensamento evolui e, com ele, a realidade: o pensamento é objetivo.

II

Hegel pensa sobretudo na vida mais viva, a que não tolera a fixação, o endurecimento, nem a repetição monótona: a vida das relações humanas, a vida social, a vida do espírito e das suas obras, a História.¹

Temos a *Fenomenologia do espírito* e a *Ciência da lógica* como os dois textos centrais da obra de Hegel, dois textos que são respectivamente a introdução e o esqueleto de obra hegeliana. O movimento do pensamento que participa do desenvolvimento ou construção do sistema conceitual hegeliano é o dialético. Na *Fenomenologia*, esse movimento acompanha a evolução da consciência, desde seu estado mais primitivo até o saber absoluto. Paralelamente, Hegel descreve esse mesmo movimento na história, de forma a mostrar como a lógica do espírito se concretiza na história humana. O amadurecimento da consciência segue o mesmo desenvolvimento da história. Dessa forma, a *Fenomenologia* pode ser interpretada tanto como um guia da consciência em direção ao esclarecimento absoluto quanto como a descrição do espírito se desenvolvendo na história, não o espírito individual, mas o espírito que guia a ação coletiva dos indivíduos.

O projeto da *Fenomenologia*

é completamente inédito: descrever o processo típico da formação da consciência. Trata-se de expor a seqüência das experiências indispensáveis que, a partir de um primitivo estado de torpor, fazem ascender o homem ao pensamento filosófico moderno.²

A evolução da consciência é histórica a partir do momento em que se pensa em uma consciência universal ou espiritual universal, que, através de diversas etapas, se supera e se compreende a si mesma como essa mesma evolução, como o todo do caminho que percorreu. O saber absoluto, portanto, não é exterior à certeza

sensível, mas contém em si, como suas determinações, os diversos momentos que teve de percorrer e que sempre percorre novamente para se caracterizar como um saber máximo, absoluto. O saber absoluto é o movimento global da consciência que é, ao mesmo tempo, autoconsciência, que se sabe como sendo esse mesmo movimento e carregando em si todas as determinações que foram sobressumidas (*aufgehbt*).

O saber absoluto consiste, simultaneamente, numa reinteriorização, numa recapitulação activa de todas as figuras assumidas pelo espírito ao longo de sua formação, de todos os 'fenômenos' que, no seu dramático encadeamento, o precederam em processão.³

III

Não é, entretanto, o conteúdo da *Fenomenologia*, enquanto descrição da história como a história do espírito, que, segundo Hegel, delimita a tese central de sua obra filosófica.

La conciencia es el espíritu como conocimiento concreto y circunscrito en la exterioridad; pero el movimiento progresivo de este objeto, tal como el desarrollo de toda la vida natural y espiritual, sólo se funda en la naturaleza de las *puras esencias*, que constituyen el contenido de la lógica.⁴

A lógica funciona como o pensamento da essência do espírito, ou seja, o pensamento das formas puras que são a base do próprio pensamento. A ciência que procura as bases de todo e qualquer conhecimento sempre teve como dificuldade principal encontrar um método propício ao descobrimento da verdade ou da essência. Em Hegel, a dialética constitui o único e verdadeiro método que possibilita o conhecimento das formas puras do pensamento, de maneira que esse pensamento seja objetivo, tenha como conteúdo toda manifestação natural ou espiritual.

Assim como na *Fenomenología*, na *Lógica*, o caminho do espírito é um caminho que leva ao autoconhecimento. Na *Lógica*, porém, o autoconhecimento corresponde ao conhecimento das formas puras do pensamento enquanto essências. Essas formas, entretanto, não estão distanciadas de qualquer conteúdo.

Muy pronto resulta evidente que lo que en la primera reflexión ordinaria se considera como contenido, separado de la forma, en realidad no puede estar sin forma, indeterminado em sí – en este caso sería solamente el vacío, algo como la abstracción de la cosa en sí-, sino que el contrario tiene la forma en sí mismo, y que sólo por medio de ésta tiene animación y contenido, y que este forma misma es la que se convierte en la apariencia de um contenido, como también en la apariencia de algo extrínseco a esta misma apariencia.⁵

O processo de autoconhecimento do espírito através do pensamento das essências não pensa as determinações do pensamento como na *Fenomenología*; o conteúdo da lógica permanece indeterminado, pois esta lida com a pura forma: não trata de um objeto assim como a fenomenologia, trata das diversas figuras do espírito consciente. “Em contradição à Fenomenologia, na qual o desenvolvimento da consciência é apresentado no contexto do dado fenomênico, apresenta-se na *Lógica* um desenvolvimento do pensamento puro.”⁶

O espírito isento de qualquer determinação, sendo, ao mesmo tempo, o fundamento de qualquer determinação, é o conceito. O conceito só é conceito enquanto dele participa, como um de seus momentos, o conteúdo, que, portanto, não é exterior ao conceito, mas intrínseco a ele. Entretanto, o conceito se eleva acima dos seus diversos momentos, mesmo que sendo o resultado deles, e constitui o absoluto: a unidade dos diversos momentos, a essência da totalidade que corresponde na *Lógica* à própria totalidade como autoconhecimento ou reflexão sobre si do espírito. O conceito, portanto, de que trata a lógica não é uma forma pura no sentido de ela estar

apartada de qualquer conteúdo, mas é a forma pura que pressupõe o conteúdo como um momento do seu desenvolvimento.

Pues los conceptos, considerados así, como puras formas, distintas del contenido, se aceptan como fijados en una determinación que les da un aspecto de algo limitado y los hace incapaces de abarcar la verdad que es en sí infinita.⁷

Forma e conteúdo, que na lógica tradicional são conservados afastados, unem-se através do método dialético como dois momentos indispensáveis para a autoconsciência do espírito. Assim, termos aparentemente opostos se tornam, pelo pensamento dialético, complementares, unem-se na constituição do conhecimento sem perder a identidade. A reflexão, para Hegel, tem o papel de relacionar o diverso e colocá-lo em oposição. A contradição resultante da reflexão é um momento necessário da verdade.

[...] esta investigación, si no se realiza de maneira acabada, cae en el error de presentar las cosas como si la razón estuviera en contradicción consigo misma; no se da cuenta de que la contradicción es justamente la elevación de la razón sobre las limitaciones del intelecto y la solución de las mismas.⁸

O princípio da lógica é o ser, que desemboca na essência e finaliza no conceito. O ser é o indeterminado, sem forma ou conteúdo, porém, ao mesmo tempo, é toda determinação. Se o ser é nada, então ele é algo e, portanto, tem determinação.

O desenrolar da lógica se dá pelo movimento conceitual de opostos que são sobressumidos em uma unidade aparente. A totalidade desse desenvolvimento não alcança algo exterior ou desconhecido no princípio, pois o princípio já é o fim. Não se pode ignorar o fim, pois, já quando principia o pensamento especulativo, todos os momentos estão dados: resta explicá-los. É assim que, ao alcançar o conceito, volta-se ao puro indeterminado: o ser. O que resulta é um movimento circular sem início nem fim, ou no qual o

fim é o começo. O movimento do pensamento revela a pura essência da realidade. Esta é revelada pelo movimento dialético que corresponde ao próprio modo de manifestar-se da essência.

Esto es ya evidente por sí mismo, porque este método no es nada distinto de su objeto y contenido, pues es el contenido en sí, la dialéctica que el contenido encierra en sí mismo, que lo impulsa hacia adelante.⁹

A pura essência, conteúdo da lógica, quando exposta conceitualmente, movimenta-se dialeticamente; o movimento da essência é o mesmo do pensamento. A essência do pensamento é a essência dos objetos: pensamento e objeto desenvolvem sua verdade dialeticamente. A verdade deles é a mesma; pensamento e objeto têm a mesma essência. Por isso Hegel denomina o pensamento da essência de pensamento objetivo; e é por isso também que, partindo do ser, da imediatez, chega-se ao conceito que já estava pressuposto no ser e que, por sua vez, pressupõe o ser. O ser é um momento do conceito, porém o ser contém em si o conceito.

Hegel descreve o método dialético da seguinte forma: “Aquello por cuyo medio el concepto se impele adelante por sí mismo, es lo negativo, ya mencionado, que contiene en sí, éste es el verdadero elemento dialéctico”.¹⁰

O pensamento da essência desse mesmo pensamento, enquanto objetivo, se desenvolve conceitualmente, e o movimento dos conceitos só acontece devido ao “negativo”, que é o elemento central do dialético. É este negativo que possibilita a descrição de todos os momentos que constituem a essência ou a pura forma. Através desse método é possível partir de um imediato indeterminado e alcançar o mediato determinado “sin introducir nada del exterior”.¹¹

A sobressunção (*Aufhebung*)¹² de um conceito pela utilização de sua negação resulta em um conceito enriquecido, pois ele é o resultado de um processo e contém em si todo esse processo.

Es un nuevo concepto, pero um concepto superior, más rico que el precedente; porque se ha enriquecido con la negación de dicho concepto precedente o sea con su contrário; en consecuencia lo contiene, pero contiene algo más que él, y es la unidad de sí mismo y de su contrário.¹³

É por esse método negativo que se desenvolve a *Lógica*. O que aparentemente era independente de qualquer reflexão, o ser, torna-se, pela negação, parte da reflexão. Assim,

no início da lógica da essência é provado que a independência do ser (enquanto aparência) em contraposição à essência (que, para Hegel é a reflexão) nada mais é do que o aparecer da essência em si mesmo.¹⁴

Portanto, o ser na sua forma imediata como indeterminado ou, posteriormente, como determinado em si se revela como parte da essência entendida como reflexão. A reflexão, que poderia ser pensada, no início, como exterior ao ser, torna-se, pelo método dialético, determinante do ser: contém o ser em si.

O ser, do qual fala Hegel, é uma esfera da lógica, não uma esfera da natureza inorgânica – claro que é uma esfera daquilo que parece estar antes de toda a lógica consciente e, por isso, parece se desenvolver independente de todo conhecimento e todo pensamento.¹⁵

A reflexão opera a divisão e a oposição entre contrários que se relacionam. A superação e, ao mesmo tempo, a conservação do momento reflexivo são operadas com o ingresso da razão no absoluto. “Diferente da reflexão que oscila entre os dois lados da antinomia, a reflexão simultânea dos dois lados deixa evidente a contradição e força a sua ‘sobressunção’.”¹⁶

A contradição, que aparecia como fazendo parte do ser, torna a aparecer como um produto da reflexão e é sobressumida pela razão. A razão é a reflexão que reflete sobre si própria, elevando-se

acima da indiferença dos opostos e determinando-se como resultado dessa indiferença. A razão supera a indiferença e, ao mesmo tempo, conserva a contradição como sendo a sua verdade. A auto-reflexão que a razão opera não é a resolução da contradição que resultou do jogo entre opostos; a contradição se mostra muito mais como a verdadeira essência do pensamento especulativo e, por isso, é insuperável.

O conceito é a culminância da lógica, enquanto esclarecimento conceitual e movimento do pensamento. Ele é também o todo do desenvolvimento, é a visão do processo inteiro, que leva do ser indeterminado à união de todas as determinações. O conceito pode ser chamado, portanto, de absoluto: traz em si todos os momentos do pensamento como partes da sua verdade.

O movimento circular da *Lógica* impede a progressão do pensamento *ad infinitum*. O conceito é infinito como verdade absoluta, porém não é inalcançável: o todo e a verdade fazem parte do pensamento filosófico que reflete sobre si mesmo e, por isso, é chamado de especulativo. O pensamento do absoluto ou do todo existente só é alcançado pela razão em sua liberdade.

IV

A questão que resulta da visão geral do sistema hegeliano se refere à validade do seu método e, conseqüentemente, à verdade de seu sistema. O que deve e pode ser posto em discussão é a pretensão hegeliana de um conhecimento humano absoluto ou infinito. Segundo Hegel, esse só ocorre porque pensamento e realidade, sujeito e objeto, estão em ligação direta e inseparável: a união deles é o fundamento de toda verdade. “La realidad de algo sólo está en su concepto; en cuanto es distinto de su concepto, cesa de ser real y se convierte en algo nulo.”¹⁷

Cria-se uma circularidade indissolúvel; a veracidade do sistema é demonstrada pelas teses desenvolvidas e defendidas no interior do próprio sistema. No sistema, é deduzido pelo método dialético,

a relação entre sujeito e objeto; e é essa relação que possibilita a afirmação do sistema como verdadeiro, pois é fruto do pensamento especulativo, que é também objetivo. O uso dedutivo da razão é o veículo da verdade e não desenvolve apenas um sistema conceitual, mas um sistema objetivo.

Essa assertiva hegeliana quanto à possibilidade de um conhecimento absoluto não é uma posição dogmática? O processo dedutivo dialético que desenvolve todo o sistema fundamenta essa posição, porém, o que fundamenta o sistema? “De acuerdo con esto la lógica tiene que ser concebida como el sistema de la razón pura, como el reino del pensamiento puro. Este reino es la verdad tal como está em sí y por sí, sin envoltura.”¹⁸

O que determina a verdade dessa posição filosófica? Por que o pensamento tem de ser ilimitado? A posição hegeliana não é de certa forma uma volta à metafísica tradicional por pretender que o pensamento refletido sobre si alcance a verdade absoluta? O método dialético parece conter verdadeiramente o movimento do pensamento e do mundo ou realidade. Todavia, “condição necessária da pesquisa e do estabelecimento da verdade, a dialética parece não se beneficiar permanentemente, mesmo na filosofia de Hegel, do estatuto de condição suficiente”.¹⁹

O que garante a verdade dos diversos momentos dedutivos do sistema hegeliano? Pela concepção hegeliana, pela sua característica principal, que é a demonstração de sua verdade pela exposição do sistema, não há um parâmetro exterior que possa determinar verdade ou falsidade. Do que depende então a aceitação ou não do sistema hegeliano?

A ambição hegeliana de superar o dualismo, a limitação do conhecimento humano, levou-o a afirmar o acesso do pensamento ao conteúdo ilimitado: à representação de Deus. Deus não está para além de qualquer conhecimento humano. “Por eso puede afirmarse que dicho contenido es la representación de Dios, tal como está en su ser eterno, antes de la creación de la naturaleza y de un espíritu finito.”²⁰

O conteúdo da lógica é esse ser eterno que Hegel denomina Deus. Entretanto, não é um ser além do mundo real, objetivo, concreto. Deus, em Hegel, é o espírito que se desenvolve na história e na natureza. “Não é fácil decidir a que é que afinal Hegel dá o nome de Deus: o criador dos homens, ou a sua criatura última, ou o homem criando-se a si próprio.”²¹

Nessa tentativa de tornar o alcance do pensamento algo ilimitado, não terá Hegel voltado a um idealismo subjetivo, que não tem mais parâmetro para distinguir o conceitual do real? De que maneira se conserva a diferença dentro de um sistema que culmina com o conceito ou com a idéia absoluta, que, por sua vez, tem como verdade própria a sua autonomia em relação ao ser e tem o ser como um momento de si mesma? Por que há a necessidade de voltar ao ser, isto é, por que o conceito está como que desmembrado em ser e reflexão? Enfim, qual o fundamento para a necessidade do absoluto ser também finito? Se não há um parâmetro exterior ao conceito, o que faz persistir a diferença na unidade? Não basta, para responder a essas questões, apontar, por verificar-se aplicável tanto à razão quanto à realidade efetiva, para o método dialético como garantia do sistema, pois pode-se sempre colocar a questão quanto à exclusividade desse método para a análise do conhecimento.

Além da possibilidade de todos esses questionamentos, ao observar o sistema hegeliano, pode-se ainda perceber uma possível oposição entre o método dialético e o resultado de sua aplicação: um sistema unitário e totalizante. Como se relaciona o método dialético, que pretende a conservação do movimento e da contradição, com o sistema hegeliano fechado e acabado? Surge um paradoxo: “Hegel constrói um sistema, estrutura totalizante, enquanto a sua dialética põe em evidência a caducidade de toda a determinação e o inacabamento de toda a representação da totalidade”.²²

Por fim, não se pode simplesmente negar o sistema hegeliano, porém também não basta aceitá-lo sem crítica. A afirmação da onipotência da razão que parece devir das teses desenvolvidas por Hegel não condiz com a pretensa abertura do método dialético. Do

mesmo modo esse método não se confirma como razão suficiente da veracidade do sistema.

ABSTRACT: This paper tries to critically analyses Hegel's epistemological positions presented in the *Science of Logic*, positions which depend basically upon the acceptance of the validity of the dialectical method.

Key-words: Hegel, German idealism, logic, dialectics, theory of knowledge.

Notas

1. D'HONDT, 1984, p. 24.
2. Ibidem, p. 31.
3. Ibidem, p. 38.
4. HEGEL, 1948, p. 39.
5. Ibidem, p. 51.
6. KESSELRING, 1984, p. 73. A tradução de passagens desse livro neste artigo são de minha responsabilidade.
7. HEGEL, 1948, p. 49-50.
8. Ibidem, p. 61.
9. Ibidem, p. 71.
10. Ibidem, p.73.
11. Ibidem, p.71.
12. Essa tradução do termo *Aufhebung* foi recomendada pelo Prof. Carlos Roberto Cirne-Lima.
13. Idem, ibidem.
14. KESSELRING, op. cit., p. 46.
15. Idem, ibidem.
16. Ibidem, p. 68.
17. HEGEL, 1948, p. 66.
18. Idem, ibidem.

19. D'HONDT, op. cit., p. 47.
20. HEGEL, 1948, p. 66.
21. D'HONDT, op. cit., p. 50.
22. Ibidem, p. 51.

Referências

D'HONDT, Jacques. *Hegel*. Lisboa: Edições 70, 1984.

HEGEL, G. W. F. *Phänomenologie des Geistes*. 6.ed. Hamburg: Felix Meiner Verlag, 1952. [1.ed. 1807.]. [Tradução espanhola de Wenceslao Roces, *Fenomenología del Espíritu*. México: Fondo de Cultura Económica, 1966].

_____. *Wissenschaft der Logik*. Leibzig: Felix Meiner Verlag, 1948. [Tradução espanhola de Augusta y Rodolfo Mondolfo, *Ciência de la lógica*, Buenos Aires: Libreria Hachette s.d.].

KESSELRING, Thomas. *Die Produktivität der Antinomie Hegels Dialektik im Lichte der genetischen Erkenntnistheorie und der formalen Logik*. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1984.